

CÔA VISAÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 11 – ano de 2009

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2009

Intervenção Arqueológica em Castanheiro do Vento

(Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)
Campanha de 2008

João Muralha Cardoso¹

Bárbara Carvalho²

Ana Margarida Vale³

Sérgio Gomes⁴

Vítor Oliveira Jorge⁵

Gonçalo Leite Velho⁶

Introdução

No Verão do ano de 2008, realizou-se a 11^a campanha de escavação em Castanheiro do Vento, entre 7 de Julho e 8 de Agosto e contou, como habitualmente, com a presença da equipa coordenadora, de voluntários de diversos países, e ainda com a colaboração de Lesley McFadyen da Universidade de Leicester (Reino Unido) e de Christopher Watts da Universidade de Toronto (Canadá) que, trouxe consigo, em regime de avaliação, 15 alunos da mesma instituição. O enquadramento financeiro desta campanha deveu-se ao projecto europeu “Trans-formations” liderado pelo Instituto Politécnico de Tomar em associação com a Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa e continuou a usufruir do apoio logístico da ACDR de Freixo de Numão.

O estudo da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (sítio datado genericamente do III/1^a metade do II milénio a.C.) teve início em 1998, tendo-se privilegiado o estudo dos principais alinhamentos que definem a arquitectura geral do sítio. Neste sentido, foi possível registar ao longo das várias campanhas, (empreendidas apenas uma vez por ano), três linhas de muretes interceptadas por estruturas sub ou semicirculares (tradicionalmente apelidadas de “bastiões”) interrompidas por diversas passagens de tipologia diversa. Os trabalhos de campos permitiram ainda a identificação de várias estruturas circulares (isoladas ou geminadas) e uma grande estrutura de base pétrea, a que se denominou “Torre Principal”. Segundo o modelo explicativo tradicional, de carácter histórico-cultural ou funcionalista, este sítio integrar-se-ia no grupo dos “povoados fortificados” identificados maioritariamente na Península Ibérica. No entanto,

1 Arqueólogo

2 Arqueóloga

3 Estudante de Doutoramento, FLUP Bolseira, FCT

4 Estudante de Doutoramento, FLUP Bolseiro, FCT.

5 Faculdade de Letras (DCTP), Universidade do Porto.

6 Politécnico de Tomar. Estudante de Doutoramento, FLUP

as linhas de pesquisa em Castanheiro do Vento distanciam-se das narrativas propostas para a maioria deste tipo de sítios. Neste sentido, temos procurado questionar, e problematizar os diferentes sentidos/diálogos que perpassam pelo lugar, isto é, tem-se questionado as possíveis relações entre materialidades, espacialidades e temporalidades – fragmentos cerâmicos/elementos pétreos/ estrutura circulares/ muretes/ colina/ paisagem/ escavação⁷.

Ao longo das últimas dez campanhas o trabalho de escavação reflectiu, como já vimos, a decapagem em área, na tentativa de definir os alinhamentos estruturais do sítio. A intervenção de 2008, que se concentrou na área Oeste do sítio, reflecte o atingir desse objectivo. Não foram identificados alinhamentos estruturais, tipo muretes ou “bastiões”, mas apenas estruturas circulares, e segmentos de muretes, que preenchem o sítio.

Assim, os objectivos desta campanha visaram:

- a) Continuação da escavação na área Oeste, contígua à “designada Torre Principal”;
- b) O estudo da área Oeste localizada entre os muretes 2 e 3;
- c) Continuação da escavação na área Sul do sítio;
- d) A análise das estruturas em talude situadas igualmente a Oeste.

Enquadramento geográfico e cronológico

Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Noroeste de Portugal. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41°03'49" Lat.N.; 07°19'18" Long.W.Gr.

Este sítio implanta-se num monte de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. As escavações arqueológicas têm incidido no topo do morro, detendo-se numa área de 100 metros no sentido Norte/Sul, e de 80 metros no sentido Este/Oeste, a que aparentemente se encontra melhor preservada. Contudo, é possível recolher materiais à superfície quer para Sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, actualmente ocupada por uma plantação de cerejeiras, quer para Norte e Este numa sequência de rampas ou plataformas destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

O sítio de Castanheiro do Vento não se refere, no entanto, ao local onde hoje se realizam as escavações arqueológicas, mas implica toda a colina. Assim falamos de “colina monumentalizada”, cuja

7 Sugere-se a leitura de textos relacionados com o sítio de Castanheiro do Vento, como por exemplo: Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2002b) – Castanheiro Do Vento And The Significance Of Monumental Copper/Bronze Age Sites In Northern Portugal. In Scarre, C., Ed. – *Monuments And Landscapes In Atlantic Europe*. Londres: Routledge, P. 36-50. ; Jorge, V. O.; Cardoso, J. M., Pereira, L. S., Coixão, A. S. (2003d) – A Propósito Do Recinto Monumental De Castanheiro Do Vento (V^a N^a De Foz Côa). In Jorge, S. O., Coord. – *Recintos Murados Da Pré-História Recente*. Porto/Coimbra: Dctp, Flup/ Ceaup, Fct, P.79-114. ; Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Vale, A. M.; Velho, G. L.; Pereira, L. S. (2006a) – Copper Age “Monumentalized Hills” Of Ibéria: The Shift From Ideas To Interpretative Ones. New Perspectives On Old Techniques Place And Space As Results Of A Research Experience In The Ne Of Portugal. *Approaching “Prehistoric And Protohistoric Architectures” Of Europe From A “Dwelling Perspective”*. Porto: Adecap (Journal Of Iberian Archaeology, 8), P. 203-264.

cronologia aponta para um intervalo que se situa entre c.2900 e 1500 A.C. Contudo, estima-se que o âmbito cronológico da estação se estenda até ao Bronze Final e Idade do Ferro. Esta dedução tem como base um fragmento de cerâmica excisa, uma peça em electro, peças em metal, assim como datas de C14, claramente atribuíveis à Idade do Ferro (entre os sécs. VIII e VI a.C.) relacionadas aparentemente com “estruturas de combustão” dispersas pelo sítio.

Metodologia

A escavação foi feita em área tendo apenas se procedido a uma decapagem das duas primeiras camadas, ou seja, não foi empreendida escavação em profundidade. Neste sentido removeu-se o que convencionalmente apelidamos de camada 1 (camada humosa e antigo solo agrícola) e camada 2 (depósito sedimentar muito perturbado pelos trabalhos de agricultura e raízes), e procedeu-se à limpeza de parte da área do sítio.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram devidamente identificados relativamente ao seu contexto (quadrícula, coordenadas tri-dimensionais, e estrutura), lavados e acondicionados em contentores depositados no Museu da Casa Grande de Freixo de Numão.

Descrição dos trabalhos

Os trabalhos desenvolvidos durante a campanha de 2008 permitiram continuar o estudo do sítio e desenvolver algumas das ideias e reflexões que têm sido plasmadas em trabalhos recentes.

Objectivos:

- a) Continuação da escavação na área Oeste, contígua à “designada Torre Principal”;

Na área Oeste da Torre Principal, foi escavada uma zona que genericamente se situa entre essa estrutura e o “bastião” R, localizado na segunda linha de murete (M2). Esta área caracteriza-se pela presença de um depósito constituído por um sedimento escuro com inclusões de pequenas lajes de xisto aparentemente não estruturadas. Os seus limites não são claros e, conseqüentemente a sua relação com os depósitos que se encontram tanto para Norte como para Sul, caracterizados por um sedimento amarelo de matriz argilosa, não é perceptível. No entanto nesta área são perceptíveis alinhamentos de lajes de xisto fíncadas, aparentemente sem relação entre si. (Ver Planta Geral).

- b) O estudo da área Oeste localizada entre os muretes 2 e 3;

A área situada na plataforma central entre os muretes 2 e 3 apresentasse muito vestigial, o afloramento rochoso é visível em grande parte das quadrículas decapadas, facto explicado por questões pós-deposicionais:

- Esta zona representa o topo da colina, destacando-se da cota média geral do sítio, sendo o processo de erosão bastante evidente.
- Foi possível identificar, quer no afloramento, quer nas lajes que compõe as estruturas, marcas da passagem do arado.

A estratigrafia detectada limita-se apenas à camada superficial, muito perturbada pelas raízes, e a uma segunda camada constituída por um sedimento muito argiloso de coloração amarelada escura com uma compacticidade variável, dependendo da sua proximidade ao substrato geológico.

Tendo presente estas questões, foi identificado pela primeira vez, em dez anos de escavação, duas grandes estruturas; uma primeira, localizada mais a Sul, apresenta uma forma circular com cerca de 8m de diâmetro, delimitada por lajes de xisto dispostas na horizontal ou na oblíqua, estando estas últimas, fncadas no sedimento argiloso e pelo próprio afloramento, afeiçoado de forma a delimitar uma face interna da estrutura. No espaço interno desta estrutura foram identificados 12 buracos de poste, uma estrutura circular incorporada no limite Sul da grande estrutura, constituída por pequenas e médias lajes de xisto embutidas em argila. O seu diâmetro é de 1,50m. Identificaram-se ainda três pequenos alinhamentos dispersos, compostos por pequenas lajes fncadas.

A segunda grande estrutura, localizada a Norte da primeira e junto à “Torre Principal”, é definida por um grande arco, com cerca de 5m de boca. A sua delimitação é feita por lajes de xisto dispostas na horizontal ou na oblíqua, estando estas últimas, fncadas no sedimento argiloso. No espaço interno deste arco, detectaram-se 3 buracos de poste e uma pequena estrutura circular com 1m de diâmetro e uma espécie de lajeado no seu interior (constituída por lajes de xisto dispostas na horizontal).

Foi ainda possível nesta área prosseguir a escavação da estrutura circular 22, identificada na campanha de 2006 (eixo N/S com 2m e eixo E/O 3m). É delimitada por lajes de xisto fncadas, de média dimensão. O seu interior apresentava um lajeado uniforme, com muitos materiais cerâmicos, envolvidos em argila/terra bastante compacta). Geminada a esta estrutura, surge uma outra (n.º 28), com o mesmo tipo de morfologia e enchimento (eixo N/S com 2,5m e eixo E/O 2,5m). A escavação prosseguiu também para Oeste destas estruturas, onde se situa o Bastião T, no interior do qual foi possível registar um conjunto de buracos de poste (definidos por lajes fncadas) dispostos em arco, como que acompanhando a curvatura da face interna do bastião.

Toda esta área parece apresentar uma grande unidade estrutural, onde as estruturas se relacionam numa continuidade elaborativa.

c) Escavação na área Sul do sítio;

Para Sul foi possível continuar a escavação das estruturas circulares 23 (eixo N/S com 2m e eixo E/O 2m) e 24 (eixo N/S com 2,2m e eixo E/O 2m), identificadas na campanha de 2006 e registar uma outra provável estrutura circular, contígua à estrutura 24. Estas estruturas encontram-se definidas por lajes de xisto dispostas maioritariamente de forma oblíqua e em alguns casos possuem mais que uma linha de lajes para delinear os seus limites. O seu espaço interno caracteriza-se pela existência de um sedimento argiloso, compacto, de cor amarela, com inclusões frequentes de pequenas lajes de xisto, alguns percutores e fragmentos cerâmicos. Imediatamente a Este destas estruturas, localiza-se a passagem 12, integrada no murete 2, a qual, parece conter um corredor (no lado Este da estrutura, em direcção ao interior do recinto), caracterizado pela existência de lajes e blocos de xisto dispostos de forma alinhada. É importante referir que neste contexto a elaboração das estruturas geminadas, ocluem o acesso ao interior do recinto. Este tipo de situação foi igualmente detectado na intervenção arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão (JORGE 2003:44).

Efectuou-se igualmente a decapagem da estrutura “bastião” U, identificada em 2006. Encontra-se integrada no murete 2 e apresenta uma abertura de vão de cerca de 7 metros, com uma área aproximada de 40m² (MURALHA 2007:152). No seu espaço interno registaram-se 4 micro-estruturas de morfologias diversas delimitadas por lajes dispostas na horizontal, nas quais se incluem lajes de xisto azul, detectou-se igualmente uma laje em xisto com fossetes e um punção em cobre de pequenas dimensões. Este último encontrava-se envolvido por um sedimento compacto de cor acinzentada clara com fraca expressão estratigráfica (trata-se de uma inclusão no depósito que se encontra no topo do “bastião” e tinha, genericamente como dimensões; 20cm de largura e 10 cm de profundidade.

d) A análise das estruturas em talude situadas igualmente a Oeste.

Na área Oeste do topo da colina de Castanheiro do Vento, num local onde o terreno apresenta um declive acentuado, foi escavada uma área com cerca de 40m² (a Este do “Bastião” U). Após a remoção das camadas superficiais (camada 1 e 2) foi possível identificar um nível de grandes lajes e blocos de xisto integrados num sedimento de cor castanha acinzentada escuro, pouco compacto, de textura areno-argilosa. Algumas de pedras de xisto encontravam-se rubefactas e outras parecem sugerir alinhamentos estruturados com direcção norte/sul.

A identificação do talude Oeste em Castanheiro do Vento, juntamente com as escavações já realizadas a Norte do sítio, sugerem que o topo da colina estaria rodeada, pelo menos a Norte e a Oeste por uma estrutura pétreia constituída essencialmente por lajes de xisto dispostas de forma paralela e perpendicular entre si. No entanto, as estruturas de contrafortagem detectadas em processo de escavação, a Este e a Sul do sítio, estavam cobertas por uma “carapaça” de pedras, lajes e terra/argila, constituindo ao mesmo tempo um suporte para as estruturas/muretes, conferindo-lhes uma maior monumentalidade.

Este aspecto resultante dos trabalhos de campo é extremamente importante. Vem reforçar a ideia, já sugerida em artigo de 1998, por Susana Jorge, (1998:284) da existência de “rampas pétreas”, taludes. A campanha de 2008 em Castanheiro do Vento, demonstra que, apesar da existência de derrubes pontuais, estamos perante uma estruturação complexa de contenção ao qual se adossavam pedras bem imbricadas num complicado sistema elaborativo de contrafortagem e monumentalização. Esta estrutura ao ser recoberta por uma “carapaça” de pedras e argila teria assim uma dupla intenção; por um lado alteava o declive dos taludes, funcionando como estrutura de sustentação, por outro, acentuava o carácter monumental destes sítios

Da mesma forma que os anos anteriores, as estruturas que apresentavam alguma fragilidade, foram tapadas com manga plástica. Nas outras áreas e como apenas se escavou a camada humosa, as medidas de protecção relacionam-se com um corte da vegetação durante o Outono, e um outro durante a Primavera.

Componente Artefactual

Um dos caminhos reflexivos da investigação em Castanheiro do Vento tem sido as materialidades, mas não entendidas, apenas, como indicadores de um período cronológico. Não se pretende “catalogar” o sítio em determinada fase de uma tabela cronológica, e posteriormente relacioná-lo com outros sítios. O

predomínio de formas esféricas e da decoração impressa penteada, permite-nos estabelecer relações com Castelo Velho de Freixo de Numão, Castelo de Algodres, Abrigo do Buraco da Pala, Pastoria, etc, ou a existência de cerâmica com decoração plástica e vasos de fundo plano, levam-nos a falar de uma outra ocupação, relacionada à Idade do Bronze.

No entanto esta sequência temporal pouco nos diz sobre o sítio. Estas materialidades inseridas em sequências ocupacionais/temporais, têm que ser entendidas/problematizadas em muitas outras questões. Castanheiro do Vento não pode ser olhado/estudado como uma sucessão de materialidades, que nos transportam para um tempo, materializado no espaço e registado em fases. “Parece-nos necessário problematizar o “tempo” a outras escalas, focando de perto as práticas que poderão estar subjacentes a determinadas associações de materiais e para que entrelaçado de tempos remetem” (VALE, GOMES, CARVALHO, CARDOSO, PEREIRA, VELHO e JORGE 2009:37). É importante olhar de perto, o fragmento cerâmico, o elemento lítico, a sua relação com a estrutura, a estrutura relacionada com outras, com a paisagem, que poderemos potenciar o que se questiona. É uma das questões mais prementes liga-se aos processos de práticas e vivências, aos processos de contínua elaboração do sítio, como, por exemplo, a colocação de pequenas lajetas em cunha entre os pequenos vãos existentes entre as lajes, quer na sua estruturação vertical, quer horizontal, o emprego de fragmentos cerâmicos, muito deles “talhados”, inseridos nos embasamentos dos muretes e bastiões, a inclusão de percutores em quartzo nas frestas entre lajes do embasamento

Para tentarmos dar algum significado a estes pormenores elaborativos, temos de deixar de pensar o sítio como um objecto arquitectural cuja construção era o objectivo em si. O processo, ou melhor, os processos espaciais e temporais acontecidos no sítio, as diversas actividades interligadas, sobrepostas ou individualizadas, faziam parte da vida das comunidades, faziam parte da sua estruturação. Ao participarem activamente na configuração e constituição do sítio, estas comunidades estavam elas próprias a constituírem-se; rede de ligações sociais, partilha de tarefas, negociação de papéis, mediação de conflitos e eventualmente a emergência de elites que fossem importantes como operadoras de um diálogo intra-comunitário e mesmo extra-comunitário.

É neste processo que será importante equacionar aquelas materialidades. A colocação de um fragmento cerâmico talhado, encostado a uma linha definidora de uma estrutura, ou a colocação de um percutor num pequeno vão entre lajes, são acções que traduzem uma forma de viver o sítio, não são apenas a sua localização final. São uma atitude imbuída de estar no mundo e que provavelmente envolveria uma negociação com o temporal e o material. Neste caso, estas materialidades, são elas próprias constitutivas do sítio: são “arquitectura”.

Durante a campanha de 2008 foi exumada um conjunto significativo de fragmentos cerâmicos, maioritariamente lisos. Os decorados apresentam sobretudo a técnica de impressão penteada (curvilínea e/ou rectilínea).

O material lítico é composto por peças em quartzo, como pontas de seta, raspadores, raspadeiras e bastantes percutores (muitos dos quais faziam parte integrante dos embasamentos pétreos das estruturas ou localizavam-se juntos às faces dos muretes).

Foram também detectadas “estelas”, ou seja, lajes de xisto azulado, afeiçoadas, de forma trapezoidal. Localizam-se, preferencialmente, integradas na delineação de espaços ou no colmatar de estruturas.

Detectou-se igualmente, como já referimos, um punção em cobre.

Tendo em consideração o enorme volume de materiais e o facto de esta escavação funcionar em estreita colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponibiliza-se aos alunos de todos os ciclos académicos, determinados conjuntos de materiais para estudo.

Alguns apontamentos finais

A campanha de 2008, em Castanheiro do Vento, trouxe-nos algumas novidades de carácter estrutural; a existência de um espaço interior do sítio repleto de estruturas de várias dimensões e morfologias e a constatação de que as estruturas tipo “talude” rodeariam todo o topo da colina e provavelmente se estenderiam pelas encostas. A par destas novidades, mantém-se um encontro com realidades já detectadas, reflectidas e problematizadas em trabalhos anteriores (por exemplo VALE, GOMES, CARVALHO, MURALHA CARDOSO, PEREIRA, VELHO e JORGE, 2009; BATISTA, GOMES, S. JORGE, V. JORGE, MURALHA, OLIVEIRA, PEREIRA, VALE, VELHO e VIEIRA, 2008; MURALHA CARDOSO 2007; S. JORGE 2005).

A existência de duas grandes estruturas, uma com 8m de diâmetro e um grande arco com 5m de vão de acesso, associados a estruturas circulares e micro-estruturas como buracos de poste, remete-nos constantemente para a grande diversidade estrutural do sítio. Dentro desta linha de investigação, ou melhor, dentro desta escala de análise, podemos reflectir sobre possíveis caminhos dentro do sítio, isto é, as múltiplas hipóteses de percursos existentes entre os três muretes de tendência concêntrica de Castanheiro do Vento de forma a aceder (ou não) ao Recinto mais interior.

Nesta linha, destacar a importância do movimento (e dos constrangimentos físicos) no sítio, implica perguntar por possíveis práticas (por exemplo, a deposição de fragmentos cerâmico (CARDOSO 2007; VALE 2003) ou a manipulação de ossos animais) e promove outros pontos de reflexão acerca dos espaços internos do sítio. Podemos dizer que não estamos perante ocupações de carácter funcional de espaços, estamos perante áreas complexas, provavelmente relacionadas com encenações de acções, de percursos relacionados com o espaço existente entre o murete 2 e o 3 e com o próprio acesso ao interior dos “bastiões” T e U.

Outra reflexão suscitada pela importância do movimento, da mobilidade, relaciona-se com a multiplicidade de imagens que se podem apreender na aproximação ao sítio: segundo o ponto cardinal pelo qual nos aproximemos, a colina muda de configuração, aparecendo como um elemento “predominante” na “paisagem” ou diluindo-se por entre as elevações que o rodeiam a Oeste; e, como o olhar de um corpo em movimento não se fixa num ponto, que pode ser retido, por exemplo, por uma máquina fotográfica, a colina de Castanheiro do Vento e o seu entorno, implicam imagens fluidas, sem fronteiras estabelecidas, sem pontos de vista preferenciais, num jogo onde a percepção dada pelos nossos cinco sentidos, estão sempre em mutação.

A investigação em Castanheiro do Vento tem procurado também problematizar a relação do arqueólogo com o sítio e com o meio; as relações e tensões entre os intervenientes na escavação do sítio (suscitando diálogo, interacção, discussão); e a relação com o (conceito de) Passado.

Adoptando um conjunto de metáforas visuais, podemos colocar duas grandes questões que se deparam aos nossos olhos (e que se multiplicam em outros olhares e perspectivas, como num caleidoscópio):

Como vemos o sítio?

O primeiro ponto levantado por esta questão prende-se com considerações já afloradas, e levanta uma outra pergunta: como traduzir a fluidez das imagens sugeridas pela interpretação de Castanheiro do Vento? As fotografias e os desenhos de campo potenciam o diálogo e devem ser encarados enquanto instrumentos de reflexão sobre o sítio e não como registos, como documentos atestam o que os arqueólogos encontraram no acto da escavação, que representam a ilusão do que “estava lá de facto”. As imagens pictóricas acerca de um sítio devem ser consideradas como interpretações e que necessitam de interpretação, que em articulação com a narrativa textual, devem sublinhar a fluidez e ambivalência das imagens (da interpretação) sugeridas pelo diálogo entre arqueólogo, sítio e meio. E nesta linha, as imagens relativas ao espaço que se relaciona com, neste caso, a colina de Castanheiro do Vento, deverão superar a tendência de uma atitude contemplativa, onde o arqueólogo descreve o que vê e de onde, sem participar na construção dessas mesmas imagens, sem equacionar, insistimos, o conceito de movimento, de mobilidade.

Assim, a paisagem (arqueológica), deixa de ser entendida como um espaço de formas naturais prontas a serem descritas e como um espaço inerte que o homem foi moldando e preenchendo com materiais (seja construções ou “artefactos”), mas como um conjunto de relações entre pessoas e coisas e onde concorrem diferentes temporalidades. O processo configurativo deste lugar é constituído pelo xisto, terra/argila, granito, quartzo, sistemas de oclusão, delimitação de espaços, estruturas circulares e circulares geminadas, vãos abertos e fechados, muretes e muros, materialidades como a cerâmica e os líticos e especialmente as acções manipuladoras de todos esses materiais e delineadoras de espaços que continuamente o habitam e consequentemente o “constroem”.

E é neste imbricado de tempos e coisas que o arqueólogo se debruça sobre um sítio particular (e dentro desse sítio muitas vezes sobre áreas específicas) mas sem nunca perder de vista a matriz rizomática em que o sítio e o arqueólogo estão inseridos.

Em Castanheiro do Vento temo-nos debruçado sobre a arquitectura do sítio (sobre a discussão do conceito de arquitectura remetemos para JORGE, V. 2006; VALE, CARDOSO e JORGE, 2006; VELHO, 2006 e CARDOSO, 2007). Ao longo destes anos temos vindo a acentuar a ideia de que o sítio é constituído por um entrançado de materiais, patente, por exemplo, no contexto definido pela área das estruturas geminadas 23 e 24, passagem 12 e a grande estrutura de carácter circular detectada durante a campanha de 2008. A escavação desta área revelou uma grande quantidade de argila, de materiais cerâmicos e líticos. Considerando-se a existência de uma profusa rede em que concorrem coisas, pessoas e ideias (sendo que esta enumeração é já decorrente de um processo analítico de decomposição para compreensão), seria pouco prudente apartar os “artefactos” da “estrutura” e estudá-los separadamente, inserindo-os em dois discursos separados: o das construções do sítio e o dos materiais exumados no sítio. Ambos, inseridos numa rede de conexões que se vai progressivamente alargando à medida que o discurso sobre o sítio vai sendo tecido, são arquitectura, na medida em que materializam práticas interdependentes na “construção” do sítio.

É conveniente deixar de pensar o sítio como um objecto arquitectural cuja construção era o objectivo em si. O processo, provável, não era construir, a acção não era edificar, as redes de encontros no

local não eram de carácter técnico-construtiva. O processo, ou melhor, os processos espaciais e temporais acontecidos no sítio, as diversas actividades interligadas, sobrepostas ou individualizadas, faziam parte da vida das comunidades, faziam parte da sua estruturação.

Assim, em Castanheiro do Vento concorrem diferentes materiais em diversas relações e remetem para vários tempos. Esta observação, longe de se estabelecer como uma observação abstracta que depois se constata (se comprova) no sítio, emerge durante o processo interpretativo do sítio. A escavação de 2008 debruçou-se sobre várias estruturas que genericamente se localizam na plataforma mais elevada de Castanheiro do Vento. Os trabalhos de campo permitiram detectar uma série de acções, reformulações, que terão transformado constantemente toda aquela área; a existência de estruturas circulares geminadas, ocluindo uma passagem (n.º12), que possui todo um carácter monumental, a grande quantidade de argila, escondendo linhas definidoras de estruturas, a elaboração de segmentos de muros que condicionam espaços e estreitam percursos. Estas reformulações não indicam apenas tempos de construção e reconstrução, mas sobretudo tempos de vivência, de reordenação, de reactualização, de transformação do sítio. Denotam práticas que envolvem pessoas e materiais, conectados com todo o espaço envolvente. E remetem para memórias, da comunidade, da estrutura, do sítio. Se atendêssemos apenas a momentos de construção perderíamos todos os tempos que emergem dos materiais que hoje estudamos. Perderíamos o tempo interpretativo, para apenas manusear o tempo cronológico.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer aos arqueólogos Leonor Sousa Pereira, Joana Alves, Mónica Corga, Lurdes Oliveira, Sara Luz, Alexandra Vieira, Leandro Surya, Mércia Carréra e Luís Sousa por todo o apoio e entusiasmo que aportaram à escavação.

Agradecemos também a todos os participantes nesta campanha; Mariana Mendes, Ana Graça, Joana Martins, Hugo Vaz, Ricardo Santos, Márcio Santos, Jonathan Santos, Paulo Amílcar, Cecília, João Moreira, David, Carla Azevedo, Sara, Ana, Evita, Isabella Tedeschi, Natália, Molly Saville, Lara Hogg, Sara Al-Haddad, Mark Dolynskij, Erik Harasym, Philip Leal, Damien Mangar, Adrien Lhomme-Duchadeuil, Saba Qadi, Laura Ricci, Janine Novak, Alison Karsh, Jane Simber, Katrina Gataveckas, Tori Myers, Natasha, Heather Smart, Ana Sousa Vaz, John Brennan, Alice Brennan, Laurenm Sun, Yi-Ling Chen.

Dirigimos uma palavra especial de agradecimento ao Miguel pela incansável colaboração e a António Sá Coixão pelo apoio logístico prestado ao longo de todos estes anos através da Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão e a todos que com ela colaboram.

Bibliografia

- BAPTISTA, L., GOMES, S., JORGE, S., JORGE, V., MURALHA, J., OLIVEIRA, L., PEREIRA, L., VALE, A., VELHO, G., e VIEIRA, A., (2008), “Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006)”, III Congresso de arqueologia de trás-os-montes, alto douro e beira interior, vol.1, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp.120-135.
- COSTA, C.M.C., (2007), *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Tese de Mestrado em Teorias e Métodos da Arqueologia, apresentada na Universidade do Algarve, policopiada.
- JORGE, Susana Oliveira (2005), *O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Biblioteca de Arqueologia, Porto, Edições Afrontamento.
- JORGE, S. O., JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S. COIXÃO, A.S., (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, V. O. (2003). *A Irrequietude das Pedras. Reflexões e Experiências de um Arqueólogo*. Porto, Edições Afrontamento.
- JORGE, V.O. (2006). “Breve Reflexão sobre alguns Problemas das Arquitecturas Pré-Históricas”, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia*. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 106-109.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)” *Coavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 b), “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp. 36-50.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp. 5-24.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio de Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 5
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998 – 2002), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, Porto, ADECAP.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”, *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, DCTP, FLUP/CEAUP, FCT, pp.79-114.

- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M. (2004), O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V^a N^a de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 6, pp. 97-139
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2005), “Morfologia Construtiva do Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas de “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, nº13, pp.25-35.
- JORGE, V.O., with the assistance of CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L. PEREIRA, L.S. (2006 a), Copper Age “monumentalized hills” of Ibéria: the shift from ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques place and space as results of a research experience in the NE of Portugal, *Approaching “prehistoric and protohistoric architectures” of Europe from a “ Dwelling Perspective”*, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 8, special issue, Porto, ADECAP, PP. 203-264.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M., VELHO, G.L. (2006 b), “Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005. Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), *Coavisão, Cultura e Ciência*, 8.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 c), “Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2006, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, vol. 6, Porto.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 d), “Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005, *Portugália*, nova série, Porto.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M. VELHO, G.L. (2007), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Breve relatório da campanha de escavação de 2006, *Côavisão*, nº9, Câmara Municipal de Foz Côa, pp.251-266.
- JORGE, V.O., THOMAS, J. (eds.) (2007), *Overcoming the Modern Invention of Material Culture*, *JIA*, vols. 9/10, special issue, ADECAP, Porto.
- MURALHA, João, (2007), Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do III^o e II^o milénio a.C: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional, Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUP, Policopiada.
- VALE, A.M., GOMES, S., CARVALHO, B., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L., VELHO, G., e JORGE, V.O. (prelo), “Notícia da 11^a campanha de escavações arqueológicas no sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Julho/Agosto, 2008)”, *Almadan*.
- VALE, A.M., GOMES, S., CARVALHO, B., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L., VELHO, G., e JORGE, V.O. (2006), “Temporalidades e Espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V. N. de Foz Côa), Do paleolítico à Contemporaneidade, vol.3, Fórum Valorização e Promoção do Património Regional, actas das sessões, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp.32-41.
- VALE, A.M., CARDOSO, J.M., JORGE, V.O. (2006), “Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa, *Terra: Forma de Construir*.

Arquitectura. Antropologia. Arqueologia. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 98-105

VELHO, G.L. (2006), “O Jogo da Pedra e da Terra num Sítio Pré-histórico do Nordeste de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa”, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia.* 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum/Escola Superior Gallaecia, pp. 91-97.

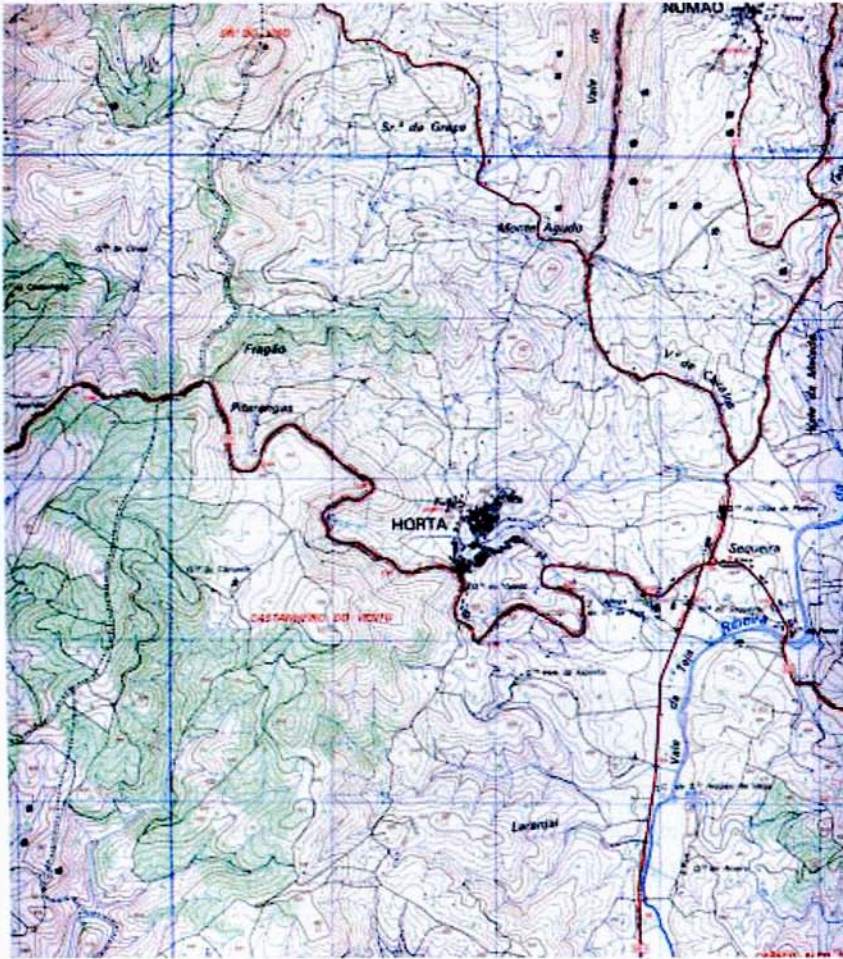


Fig.1 – Localização de Castanheiro do Vento na CMP 140.

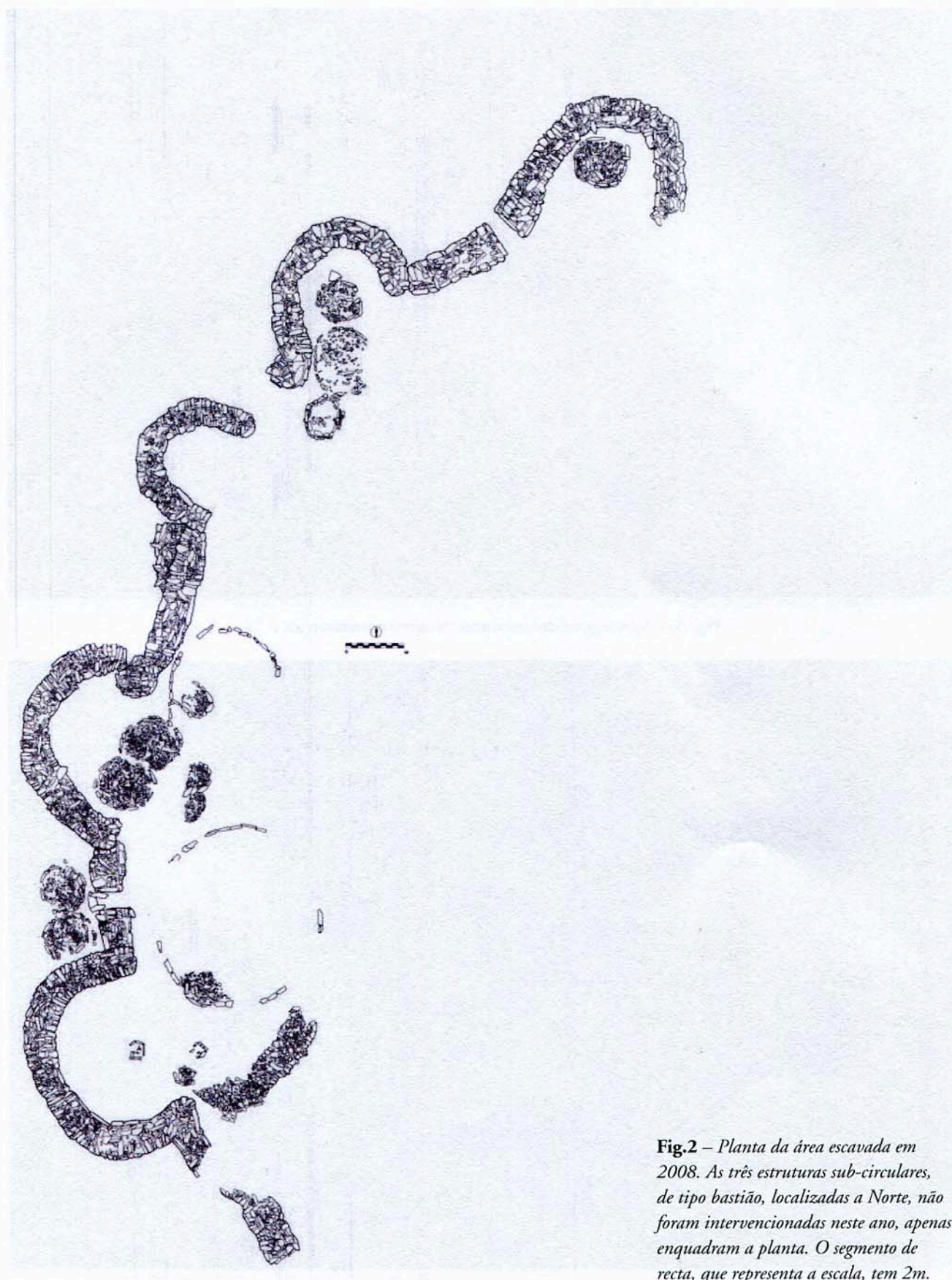


Fig.2 – Planta da área escavada em 2008. As três estruturas sub-circulares, de tipo bastião, localizadas a Norte, não foram intervencionadas neste ano, apenas enquadram a planta. O segmento de recta, que representa a escala, tem 2m.



Fig. 3 – *Aspecto geral das estruturas circulares geminadas 22 e 28.*

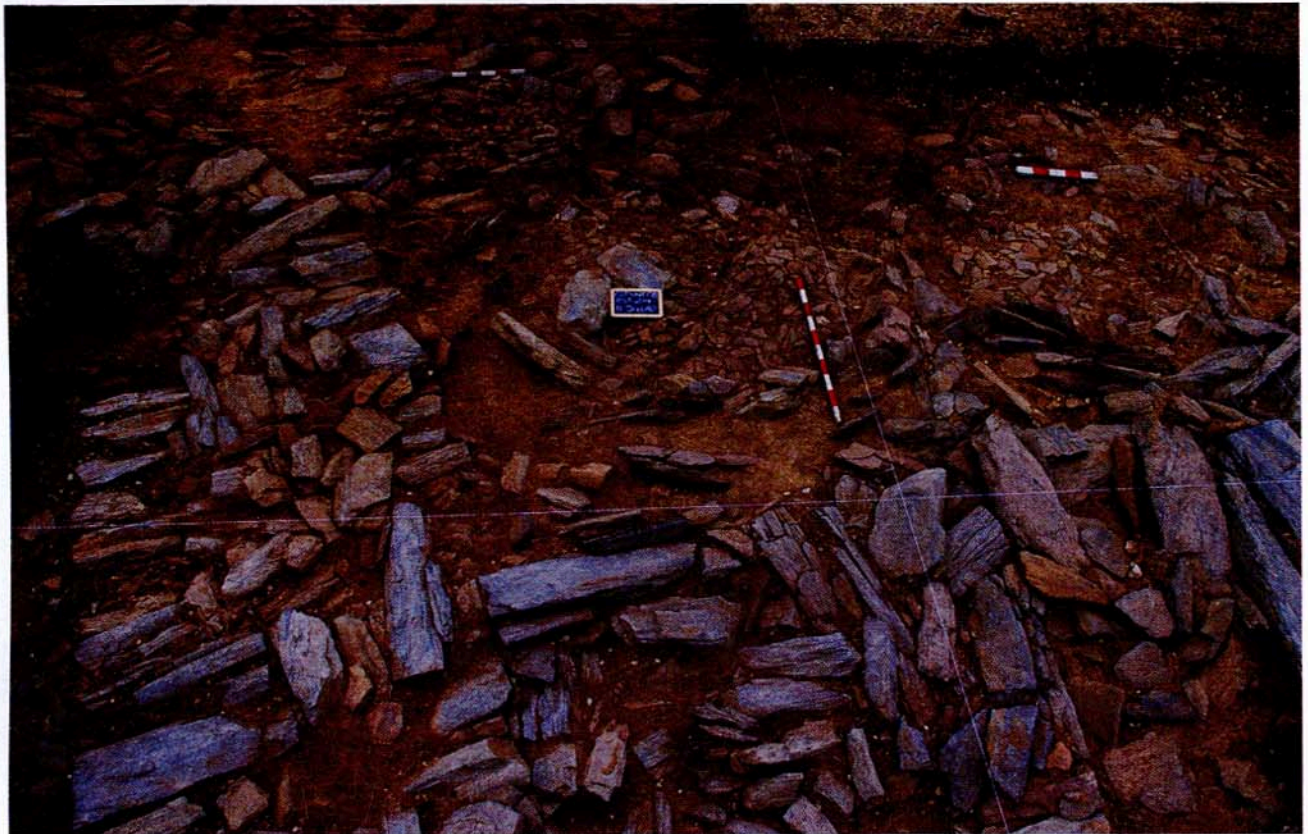


Fig. 4 – *Estruturas geminadas 23, 24 e 29. Em primeiro plano, no canto inferior direito a passagem 12.*

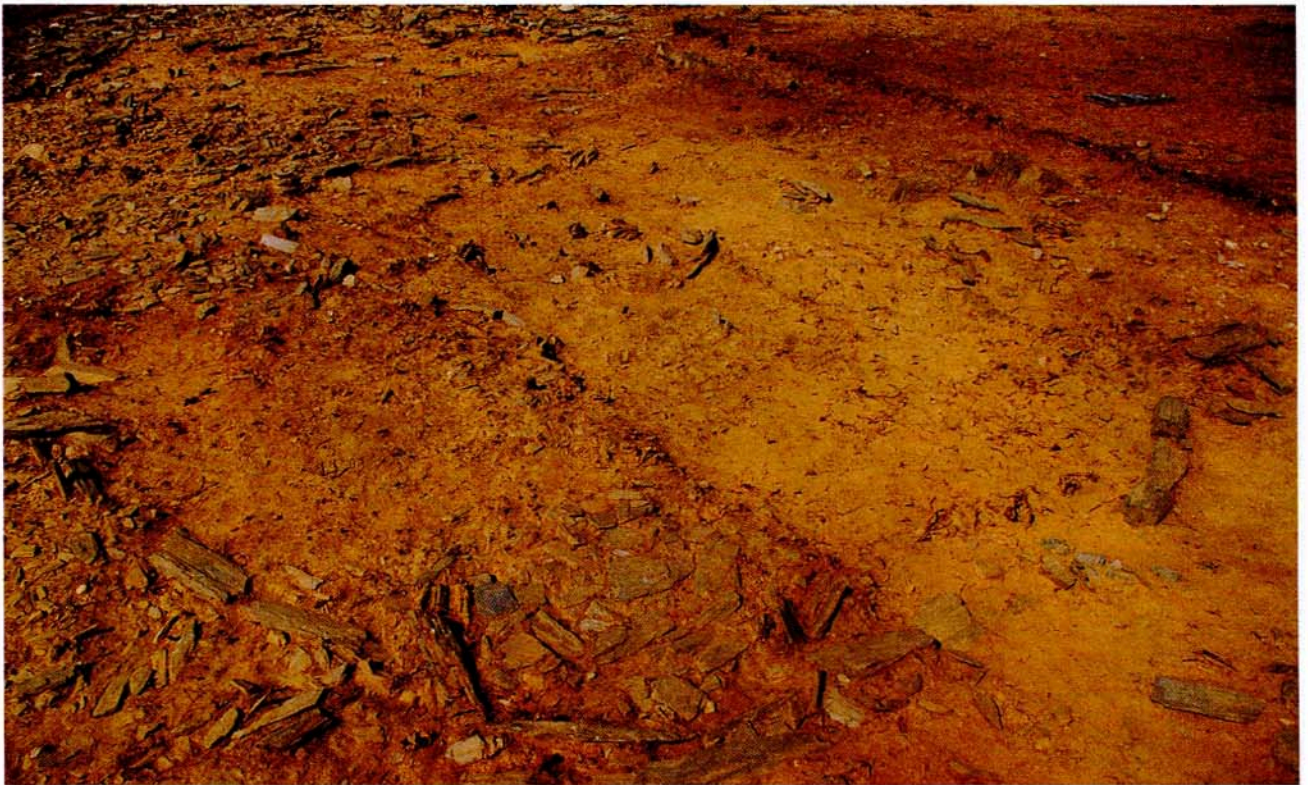


Fig. 5 – Aspecto geral da grande estrutura circular localizada a NO do sítio. É possível observar a grande erosão do topo da colina, assim como a existência do substrato geológico.



Fig. 6 – Aspecto geral do trabalho no interior da grande estrutura circular.



Fig. 7 – Pormenor de uma micro-estrutura; buraco de poste.



Fig. 8 – Pormenor de uma laje com covinhas detectada no interior do “bastião” U.